

Sem desculpas

Este ano, calma e obstinadamente, o Festival de Almada propõe, entre outras coisas, um confronto entre “antigos e modernos”

TEXTO JOÃO CARNEIRO



“Pinocchio”,
uma adaptação
do romance de Collodi
por Joël Pommerat

o próprio encenador reivindicando, podemos ver “A Galvota” e “Susn”, de Tchekhov e Achternbusch, respetivamente, encenados por Thomas Ostermeier: o ‘lado’ do texto, da progressão narrativa, da direção cuidada de atores. As pessoas, se quiserem, poderão deixar os seus corações e os seus intelectos escolher em liberdade... Há mais virtudes, sob forma de espetáculo, que não necessitarão, talvez, deste tipo de esforço de classificação e de posicionamento perante a contemporaneidade. “Não d’Amores”, de Gil Vicente, por Ana Zamora; “Pinocchio”, a partir de Collodi, por Joël Pommerat; “Hedda Gabler”, de Ibsen, numa performance *site specific*, por Juni Dahr; “Cimbelino”, de Shakespeare, por António Pires. São só exemplos de um vasto conjunto. O festival deste ano, fiel a uma tendência desenhada anteriormente, inclui vários géneros de espetáculo, ou seja, está cada vez menos preso a uma noção estreita de teatralidade (nada a ver com as considerações iniciais sobre modernidade, pós-modernidade e afins). Começa com um concerto da Orquestra Gulbenkian (Grieg, Donizetti, Bernstein, o que não parece ser um acaso); termina com um baile flamenco de Mercedes Ruiz; detém-se em “May B”, coreografia de Maguy Marin, e em “If at All”, coreografia de Rami Be’er para a Kibbutz Contemporary Dance Company. No confronto direto com criadores, o “Sentido dos Mestres” deste ano é incontornável: Ricardo Pais fala de ‘Aprender a Esquecer’ em três lições, uma por dia; Falk Richter, Thomas Ostermeier, Joana Craveiro e Miguel Seabra estarão em pessoa para ‘Conversas na Esplanada’, a falar de si e dos outros, com quem os quiser interpelar. Tudo a um preço módico, entre 44 e 70 euros por assinatura. Não há desculpas. ●

A data é inalterável, 4 a 18 de julho, todos os anos; esta é a edição nº 33. Não é para agradar aos admiradores do ‘teatro documentário’ nem do teatro ‘que fala das coisas que se passam hoje’ que vale a pena citar factos deste tipo. É porque, por um lado, seja o que for aquilo que cai sob o nosso escrutínio, devemos estar atentos a todos os sinais, sejam eles palavras, datas ou outros; por outro lado, porque estes factos afirmam e confirmam, ano após ano, um conjunto de fatores a que podemos chamar, por exemplo, determinação e que refletem uma dualidade crucial, a saber permanência e mutação. O festival deste ano, sob este ponto de vista, e nas palavras escritas e verbais do seu diretor,

Rodrigo Francisco, concretiza este tipo de confronto numa programação que convoca obras que se podem reclamar de um teatro pós-dramático e de um teatro pós-moderno, por um lado, e obras que nada têm que ver com aquele tipo de categorização, por outro. Assim, e começando por cima, ou seja, pelos ‘ricos’, e acompanhando assim, sem vergonha, o espírito do tempo, temos Falk Richter e “Cidade do Vaticano”, numa produção da Schauspielhaus Wien; o centro da questão está no título, de que decorre, inevitavelmente ainda, um questionamento da natureza, da importância e quicá do destino da quase mítica cidade. Por outro lado, e remetendo-nos neste campo (o dos ‘lados’) ao que

FESTIVAL DE ALMADA

Almada e Lisboa, vários locais, de 4 a 18
www.ctalmada.pt, www.facebook.com/festivaldealmada